

Invicta *Cine*

ANO X

N.º 174



RAMON NOVARRO

SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
c.



Invicta Cine

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

-SINGRANDO CONTRA TODAS AS PROCELAS-

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACTOR PRINCIPAL:
ALVES COSTA
ADMINISTRADOR:
JOAQUIM TEIXEIRA
PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO PROVISÓRIA:
RUA DAS MUSAS, 45-PORTO (PORTUGAL)

ANO X
Número 174
PORTO
21 DE JUNHO
1932

REDACTORES:
LISBOA: FERNANDO BARROS
E AGUINALDO MACHADO
PARIS: DANIEL MAYBON, ROBERT
GAILLARD, GEO POIRIER E MAURICE
HILÉRO
NOVA-YORK: ARTUR COELHO
VIENA (AUSTRIA): FRITZ MIKO
ROMENIA: SAMUEL STEINBERG
COLABORADOR ARTÍSTICO:
FERNANDO LACERDA

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPO-LITO
GONÇALVES & NOGUEIRA, LIMIT.- PORTO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OLYMPIA

apresenta na próxima segunda-feira a estonteante
MARIE GLORY no esplêndido fonofilme

OS CAVALEIROS DA MONTANHA

secundada por LOUIS TRENKER, todo falado
e cantado em francês. Um filme com paisagem
de uma beleza extraordinária

== Distribuição da Agência Cinematográfica H. da Costa, Limitada ==



Com a chegada do verão, já apetece publicar clichés neste género. Eis a razão desta foto da linda artista Leila Hyams.



CINEMA EDUCATIVO

«A Sociedade das Nações, cuja missão moral é abordar os problemas de carácter internacional que possam elevar o bem-estar da humanidade, não poderia ficar, permanecer indiferente, ante um fenómeno como esse, de tal amplitude e elevação; é preciso que nos felicitemos por ter sido criado, em Roma, e sob os seus auspícios, um Instituto Internacional, com o fim não somente de estudar tôdas as questões técnicas relativas ao Cinema, como também as repercussões desta Arte Nova sobre os povos, sobre a alma dos povos, e as possibilidades que ela pôde fazer surgir, no domínio da Educação.

«O Cinema pôde reclamar para si duas ordens de representações: como o teatro, êle pôde materializar as ficções; porém, indo além das possibilidades do teatro, êle poderá igualmente reproduzir os factos da vida real. Emfim, graças ao último aperfeiçoamento, o qual permite juntar o sincronismo do som ao movimento, o Cinema está hoje na medida de poder oferecer a mais perfeita imagem da vida. Ele está talvez em caminho de substituir completamente o teatro, ainda mesmo o teatro musicado, destruindo-o seguramente, definitivamente, dessa hegemonia que remonta aos primeiros tempos da formação da inteligência humana. Assistimos, assim, a um acontecimento que marcará época na história da humanidade, ao menos no que se refere aos seus gostos e aos seus divertimentos.

«A influência do teatro sobre o espírito, particularmente sobre o da mocidade, tem sempre impressionado os moralistas: dos pregadores da Igreja aos filósofos da Enciclopédia, dos mestres antigos da literatura pagã, aos ilustrados contemporâneos da crítica dramática, entre todos se encontra o mesmo cuidado: que consideração precisamos conceder, na orientação do teatro, a essa incontestável influência? De que modo criará essa influência novas obrigações para o teatro?

«Nós jámais pensaríamos em fazer resurgir esse debate irritante e sem saída. Mas, com toda a certeza, aplicada ao Cinema, a questão não sofre de incertidões.

«Com efeito, não seria preciso invocar em favor do Cinema a independência necessária à literatura; até aqui, pelo menos, o Cinema não pertence à literatura, e não haveria interesse em invadir, por isso, os seus apanágios. Penso que seria muito melhor deixar o teatro ligado à literatura, pelo facto mesmo de êle não poder traduzir outra coisa que uma variedade de ficções e deixar o Cinema para a reprodução das realidades; assim, cada uma dessas duas formas de representação cênica manteriam legítimamente a sua prosperidade e a sua razão de ser; sem que se ofereçam, mutuamente, um prejuízo inoportuno, elas responderiam naturalmente, e cada uma, às suas tendências, às suas necessidades, como meios técnicos de ordem diferente, que são. Por esse facto, o Cinema reproduzirá, ou encarregar-se-á de reproduzir, principalmente, a própria imagem da vida real; e ainda por esse mesmo facto, subsidiário porém capital, o Cinema, em razão das condições menos onerosas, expande os seus efeitos sobre multidões de espectadores; importa porém vigiar rigorosamente as manifestações da vida que êle mostra.

«É bastante haver assistido a alguns espectáculos Cinematográficos, para que possamos compreender a força das sensações que êles fazem surgir em nós mesmos: estúpidos ou interessantes, cómicos ou chocantes, imaginários ou documentários, as imagens moventes que desfilam ante os nossos olhos são dotadas de uma força emocional à qual poucos seres escapam, mesmo entre aqueles que menos prezam o Cinema; mas certamente nenhum

espírito juvenil poderia subtrair-se a essa força, tão poderosa é a sua influência; talvez esteja aí o segredo do gosto que a mocidade actual mostra pelo Filme; seguramente, porém, é essa a razão que fez ao mesmo tempo, para ela mostrar o perigo e o valor do Cinema.

«Várias pessoas de reconhecido mérito, se assim julgarem preciso, insistirão sobre o perigo; eu, quanto ao que me toca, prefiro indicar o valor. O Cinema vai-se tornando, cada vez mais, um instrumento de ensino e de educação; visto sob este ponto, êle é incomparável. Que professor, seja qual for a matéria, contestará a importância das imagens para tornar mais penetrantes as suas demonstrações? Qual será, de entre a nossa classe, o mestre que não tenha desenhado, à proporção que discursa, figuras e desenhos sobre um quadro negro? Não temos assim fortalecido as nossas lições, escritas ou orais, com o auxílio de desenhos e pranchas morais? Qual será pois a acção demonstrativa que não se sentirá fortalecida com o auxílio dessas imagens movimentadas, já que elas podem reproduzir, fotograficamente, milhares de modelos vivos, e os seus respectivos movimentos? Assim a Medicina e a Cirurgia são levadas a fazer um emprego, extremamente proveitoso, do Cinema, para não dizer a Medicina e a Cirurgia *entre outras ciências*. A projecção, pelo Filme, de uma operação, ou as questões que se referem a um individuo atingido por uma afecção do sistema nervoso, tudo isto supera todo e qualquer método de ensino.

«Como instrumento de educação, não desejaria aludir aqui senão à higiene; à higiene, isto é, ao conjunto dos meios que o homem deve empregar para a conservação da sua saúde. Dizer que a higiene não pode instaurar-se nos costumes, sem que ela primeiro se implante nos espíritos, sem que ela primeiro se implante, por assim dizer, no automatismo psicológico, é proclamar uma verdade de evidência notável; não se podem esperar medidas de importância, nem mesmo de um ensino higiénico baseado na teoria; é preciso «mostrar» os inconvenientes da falta de higiene, a facilidade e a eficácia das medidas higiénicas, o benefício individual e colectivo que resulta da sua aplicação. Nada mais útil do que a realização desses «desejados». Nada poderá trazer mais proveitos para a educação social. Em todos os paizes, os especialistas do Filme têm, para a propaganda da higiene, preparado verdadeiras maravilhas diminutas, sejam de ordem documentária, sejam de ordem imaginária. Será um dos trabalhos mais meritorios do Instituto Internacional de Cinematografia Educativa, proseguir no domínio dos aperfeiçoamentos possíveis, tal como êle tem feito até hoje. Sem dúvida o Cinema atingirá esse objectivo desejável e jámais imprevisito: tornar a higiene atraente. Será um dos mais assinalados serviços que se possam prestar à humanidade. Esperemos que esteja aí um dos primeiros sucessos do Instituto de Roma: sem dúvida êle conhecerá outros: nenhum porém poderia conceder-lhe maior honra. Neste terreno responderia eu com toda a minha estima às vozes da Sociedade das Nações, e à actividade do seu Comité de Higiene. Com toda a certeza, essa organização mostrará o mais vivo interesse pelos esforços e pelos progressos que, nesse ramo da Cinematografia, não deixará o Instituto Internacional de fazer com que se desenvolva».

DAVIDA CINEGRATICA

Póde acreditar-se na palavra de uma actriz?

A pergunta que aqui fazemos provém de uma declaração categórica feita há pouco por Tallulah Bankhead quando trabalhava no filme *Thunder Below*, cujo assunto se desenrola na América Central. Entrevistada por um jornalista de Hollywood, Miss Tallulah Bankhead disse perentoriamente «que nunca haviam de vêr a Tallulah actriz confundida com a Tallulah espôsa», afirmação que traduzimos como querendo dizer que ela ou não casará, para permanecer sempre artista; ou, em casando, dedicar-se-à inteiramente ao espôso e abandonar a carreira cinematográfica.

Mas, quantas vezes temos ouvido semelhantes declarações de outras actrizes, e, sem embargo, logo depois as vemos renunciar ao prometido, casando com tôda a gente, e depois de casadas persistirem na carreira profissional?

Além do mais, esquecem-se as damas que assim falam, que aos senhores maridos compete decidir dessas coisas, a menos que tenha havido artes do casamento o necessário acôrdo sôbre o tal assunto.

Embora falasse categoricamente, Miss Bankhead, no curso da sua entrevista, explicou a razão que a levava a se expressar daquela fôrma: é que para ela não póde haver êxito verdadeiro, quer no ramo profissional, quer no ramo doméstico, quando a mulher se aventura a seguir de uma só vez as duas carreiras.

«O meu marido, se eu algum dia chegar a casar, há-de partilhar comigo as honras da família. Quero que me conheçam por Madame Fulano-de-Tal e nunca pelo nome artístico que tive. E pensando desde agora no mais completo divórcio da carreira profissional das funções de dona de casa, eu não aceitarei por marido a nenhum homem que viva do teatro ou que, ao casar, persista em continuar como actor. O ser espôsa é por si uma nobre profissão, e por ela, talvez, eu deixaria o meu lugar no cinema ou no palco.»

Ora, depois disto, já damos mais razões a Miss Bankhead e nenhuma dúvida temos sôbre a sua sinceridade. Mas, devemos dar crédito ao que, em matéria de amor, nos dizem as actrizes?

O leitor que pense e decida.

O trabalho de um dia só toma quatro minutos de projecção

Quando no nosso cinema favorito, na nossa cadeira, que nem sempre é a nossa favorita mas a que podemos colhêr, apreciamos o desencadeamento de um filme, julgamos que tudo aquilo succedeu naquela concatenação, de enfiada, e que assim a câmara o registou para o nosso deleite. Perdemos também a concepção do tempo gasto no estúdio para a filmagem da história que apreciamos.

Ora, muito ao contrário do que supomos, o filme não se interpreta de uma tirada, mas é feito aos pedacinhos, de seqüência a seqüência, e nem sempre é começado do começo, como muita gente imagina. Como logo de principio queremos vêr os personagens de uma fita na sua maior naturalidade, succede que os directores preferem principiar do meio ou de qualquer parte, vindo depois a filmagem do começo. Ao vermos o filme acabado, achamos a sua entrada tão bem feita, natural, e mal sabemos que aquilo foi

executado depois de muitas horas de trabalho em seqüências mais adiantadas da película, seqüências estas, que, sem serem às vezes uma maravilha de naturalidade, nós como tal as taxamos porque já muito bem nos impressionou o começo do filme.

É um sistema inteligentíssimo, ninguém o duvida. Os artistas, feitas algumas partes do meio da película, habituam-se logo com os personagens, calam por assim dizer, no ambiente do filme, e quando vão interpretar o começo são já perfeitos senhores de si. Vem dessa prática, pois, a perfeição que notamos nas produções feitas a capricho. Mas nada impede a um director, que não queira aceitar as vantagens desse sistema, de começar o seu trabalho do começo.

Assim é quanto ao filme na totalidade de tôdas as suas partes. Quando, porém, o apreciamos em seus pormenores técnicos, achamos que o material filmado num dia de trabalho, não leva, em regra geral, mais de quatro minutos de projecção na tela dos cinemas.

Pelo menos, foi isto o que se averiguou há pouco, durante a filmagem de *O Estranho Caso de Clara Deane*, trabalho em que figuram Wynne Gibson e Pat O'Brien. Convém ponderar que as cênas que regulam quatro minutos de projecção pela quantidade de pés de negativo de um dia de trabalho são aquelas mais difíceis do filme. O director Louis Gasnier, que fez estes cálculos segundo os novos métodos de produção, achou que no filme havia seqüências que chegaram a dar oito e nove minutos de projecção, aquelas de fácil apreensão, que os actores fazem brincando.

Na sua generalidade, os filmes têm uma média de 7.200 pés, e calculando-se a sua projecção em oitenta minutos, que é quanto requer um filme, na razão de noventa pés por minuto, temos que a média de produção de vinte dias de trabalho por cada fita nos dá, pois, uma projecção de quatro minutos de drama ou comédia por oito horas de labor artístico no Estúdio.

Notas telegráficas sôbre o cinema

Sylvia Sidney, que apenas conta um ano de actividades filmicas na organização da Paramount, é hoje a artista mais popular a julgarmos pelo número de cartas que recebe... O título do filme «Sensation», em que reaparece Mlle. Claudette Colbert, foi mudado para «A Misleading Lady» (Dama Enganadora) e com êste nome será exibido em Nova York... Nancy Carrol no começo da sua carreira foi secretária de Tom Mix... Tallulah Bankhead é filha do senador desse nome, que representa o estado de Alabama... Os pais de Eugene Palette foram artistas teatrais de grande reputação, daí vindo as tendências do filho pela arte do palco e da tela... O filme «Clara Deane» tem dois directores, Louis Gasnier e Max Marcin, que em colaboração já nos deram «Silêncio» e «O Segrêdo do Advogado»... Richard Rodgers e Lorentz Hart escreveram as canções que Chevalier canta em «Ama-me esta Noite»... A nova produção de Lubitsch, «Uma Hora Contigo», com Chevalier e Jeanette MacDonald nos principais papéis, continúa em exhibição em dois teatros da Broadway, o Rialto e o Tivoli.



Marie Glory, a encantadora intérprete de « A Culpa é do Bibi » e que esta semana nos aparece em « Os Cavaleiros da Montanha »

Falemos um pouco de Marie Glory

Nós começamos a notá-la quando passou a chamar-se Marie Glory, mas na realidade ela era já uma artista com alguns anos de trabalho ante a « prise de vues ». Trabalhou em várias produções como figurante e fez *Miss Helyett* quando se chamava então Arlette Jenny.

Marcel L'Herbier começou a realização de *O Dinheiro*, de Zola, e escolhe-a para sua intérprete ao lado de Brigitte Helm e Alcover. Foi « para recordar o facto que repudiei o meu antigo pseudónimo de Arlette Jenny e tomei o de Marie Glory » — disse ela. Certamente que o leitor se lembra ainda desse papel pintado por Zola, em que esta artista se salientou admiravelmente no papel de mulher simples e tímida, consagrada com sinceridade ao ser amado. E isso valeu-lhe ser contratada para outras películas como: *O Conde de Monte Cristo*, de Henri Fescourt, *Les Deux Mondes*, de Dupont, *Le Roi de Paris*, *Ensemblement de Séville*, *Les Chevaliers de la Montagne* e *Lévy & C.^{ie}*

Com a evolução da cinematografia não sofreu a sua carreira qualquer desequilíbrio. Numa actividade quasi continua, apareceu-nos em (Dactylo) *O Senhor Director*, essa agradabilíssima comédia que deixou tantos cinéfilos doidinhos pela graça da interessante artista que aí se mostrou pujante de sedução; *A Amorzosa Aventura*, belo filme onde o cinema não era

uma palavra vã, sob a direcção de Wilhelme Thiele; e agora em *A Culpa é do Bibi*, ao lado de Florelle e do irresistível René Lefebvre.

*
*
*

Marie Glory não é uma artista artificiosa, como tantos que prendem sómente por uma simples característica, pela atracção das pernas, pelo poder dos beijos, ou pelo magnetismo do olhar. Marie Glory, um pouco alta talvez, agrada em todo o seu conjunto físico pela simplicidade das suas expressões e pela graciosidade dos seus movimentos.

E' uma rapariga nova — que, sem exageros e apenas pela subtilidade da sua figura a recortar-se na tela, nos demonstra claramente ser uma rapariga moderna, viva e do século XX. Não necessita desnudar-se furiosamente, não precisa de cantar com maneiras tôlas e ridículas, não tem necessidade ainda de correr e saltar loucamente, para nos dar a sensação da sua mocidade. Basta olhar-se para ela, encará-la, para reconhecer nela uma rapariga mōça, sem alegria falsa. E uma tal mulher, tinha de ser uma artista inteligente.

J . A L V E S D A C U N H A .

Uma rápida entrevista com

Lionel Barrymore

«Fazer e dizer coisas interessantes para interessar o público».

Esta é a fórmula de Lionel Barrymore.

Jámais importa quão grande ou pequeno seja o seu papel, uma vez que possa tornar interessante a parte que representa.

Sabe tudo a respeito de causas, harmonia, compasso, assim como tôdas as regras do drama e da interpretação. Tem lidado com tôdas estas coisas por tantos anos que a experiência o tornou absoluto e único. Diz que não conhece regras nenhuma. Provavelmente esqueceu a fórmula que elas tomaram. Aprende-as instintivamente. Acha que não há nada de complicado na arte de interpretar.

Aconselha sempre aos jovens actores a falarem naturalmente e a esquecerem as lições da cultura da voz.

—É inteiramente questão de matéria cinzenta... e está tudo na cabeça — diz Barrymore.

Como todo o mundo sabe, Barrymore evita sempre dar entrevistas. Mas quando não pôde escapar, diz o que tem a dizer nas frases mais concisas e com essa concisão explica tudo.

—Mr. Barrymore, sabemos que o senhor não gosta de ser entrevistado — dissemos-lhe — e não sabemos que perguntas lhe devemos fazer.

—Perguntem-me qualquer coisa que eu responderei com muito gosto... mas talvez a não queiram publicar — disse Barrymore.

—Suponhamos que tratamos de indagar sobre os seus amores?

—São idênticos aos de qualquer outra pessoa... Nada fóra do comum sobre isto — respondeu êle.

—Tem medo de morrer?

—Não, absolutamente nada. Mas receio o processo da morte.

—Imagina que é o personagem que representa em seus dramas?

—Quem não o faz, jámais interpreta o seu papel.

—O senhor procura saber de que coisa o público gosta?

—Não, ninguém o pôde saber. Se eu soubesse o que o público deseja, seria o homem mais rico do mundo.

—Tem receio do público?

—Não, somente me interessa. O público tem a tendência de pôr alguém num pedestal, somente para ter o prazer de pô-lo abaixo novamente. É natural... é tão velho como o mundo. O «truc» é conservar-se o artista longe do pedestal quando está demasiado alto.

—Gosta mais de dirigir ou de interpretar?

—Depende. Quando se quer criar alguma coisa, escolhe-se a ferramenta apropriada. Se alguém me desse uma brocha e um balde de tinta vermelha para pintar um cardeal com as suas roupas religiosas, eu não recusaria êsses apetrechos e pediria material para um gravado a água forte.

Este é o modo pelo qual Barrymore é entrevistado... quando é apanhado de surpresa.

Mr. Barrymore tem um estúdio e camarim combinados nos estúdios da «Metro-Goldwyn-Mayer». Este estúdio era outrora um sobrado dum cenário sonoro. Como fôsse do gosto de Barrymore, êle tomou-o para seu estúdio.

As paredes estão cobertas de gravados a água forte. Num canto está a escrevaninha onde Barrymore lê os manuscritos dos seus filmes, no outro lado, vê-se um piano, no qual êle toca e compõe as suas próprias músicas. Também há uma grande prateleira para os artigos de *maquillage* e um cabide para pendurar a roupa. Contudo, geralmente, as roupas e os artigos de *maquillage* andam espalhados pelo chão...

Há um elegante biombo, por trás do qual se vêm pilhas de manuscritos velhos, tubos de tinta, gravados e várias outras coisas. No meio de tôda esta confusão, contudo, Lionel encontra imediatamente o que procura.

Gosta de andar com roupa folgada. Nos seus dias de descanso, guia o seu pequeno automóvel em direcção dos campos verdes, com a sua paleta e tubos de pintura, à procura de alguma linda paisagem que possa trasladar para o papel. Detesta vestir roupa de rigôr, e quando o faz é somente quando é obrigado.

É um brilhante orador tanto pelo rádio como em público, quando não pôde escapar à obrigação de falar. Contudo, os seus protestos são grandes quando é forçado a discursar.

Recusa admitir que está doente quando se está sentindo mal. Evita palavras supérfluas no diálogo. Não aparece no restaurante dos estúdios quando está cheio, e usualmente toma as suas refeições na intimidade do seu camarim.

Lionel Barrymore é um dos actores que põe mais realismo e naturalidade na sua caracterização. Cada uma das suas interpretações é inesquecível. E tudo quanto êle pôde dum papel que lhe dão é «fazer e dizer coisas interessantes para interessar o público.»



Lionel Barrymore

No Alegre Madrid

Filme falado, musicado e dançado,
em exibição no cinema Aguia d'Ouro

Ricardo, filho duma nobre família madrilenha, deixa-se prender pelos subtis encantos de La Goyita, interessante artista dum teatro de variedades, e, de tal forma, que a família resolve enviá-lo a Santiago para ali continuar, descansadamente, os seus estudos fora do alcance da diabólica mulher.

Chegado à pequena cidade universitária, Ricardo é admitido na Casa de Troya, residência de estudantes, conquistando desde logo a simpatia e admiração de todos, dado o seu carácter alegre e folgasão. Galanteador acérrimo, em breve ali conquista o coração de Carmina, a mais linda rapariga de Santiago, que, se bem que enamorada até então de Octávio, condiscípulo de Ricardo, não resiste aos galanteios do elegante e jóvem estudante madrilenho.

Tudo corre agora às mil maravilhas para os dois apaixonados. O profundo amor que os une conjuga-se admiravelmente com os desejos das duas famílias que encaram a união de Carmina e Ricardo com a maior das simpatias.

La Goyita, porém, que não se resignára a perder definitivamente o amor do homem que tanto a seduzia, aparece em Santiago disposta a arrebatá-lo de novo ou a fazer escândalo. Trava conhecimento com o antigo apaixonado de Carmina, a quem conta todo o seu passado com Ricardo, decorrido em Madrid,

encarregando-se desde logo o amoroso despeitado de fazer correr a notícia que imediatamente chega ao lar da encantadora rapariga.

O irmão de Carmina, tomando a nuvem por Juno, desafia Ricardo para um duelo. Ricardo, sensibilisadíssimo, dispara a arma para o ar, ao contrário do adversário que o alveja. Carmina, ao saber do terrível encontro, imediatamente se dirige ao local do combate, ansiosa por evitar a fatalidade que antevê e a domina atrozmente, mas, quando chega já é tarde. Ricardo está ferido!

Uma cêna eternecedora se segue. Por fim, tudo se harmoniza, Ricardo e Carmina acabam por unir as suas vidas, realizando, assim, os ternos protestos mútuamente feitos!

DISTRIBUIÇÃO

Ricardo... ..	Ramon Novarro
Carmina... ..	Dorothy Jordan
Goyita... ..	Lottice Hoell
Marquês de Castelar..	Claude King
Rives... ..	Eugenia Besserer

e outros artistas

REALIZAÇÃO DE ROBERT Z. LEONARD



Uma linda imagem de «No Alegre Madrid», que se exhibe no Aguia d'Ouro

ACTIVIDADE CINEMATOGRAFICA EM TODO O MUNDO



Portugal A subscrição aberta pela *Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm* foi muito bem aceite pelo nosso público tendo sido rapidamente tomadas tôdas as acções lançadas no mercado.

As obras na Quinta das Conchas para a construção do estúdio nacional, devem começar dentro de breves semanas.

Segundo uma entrevista que o Sr. Dr. Ricardo Jorge concedeu ao nosso colega *Imagem*, ainda êste verão serão filmadas algumas películas pela *C. P. F. S. T. K.*

França Gaston Ravel e Tony Lekain devem começar por êstes dias a filmagem de *Monsieur de Pourcaugnac*. O principal papel mas-

culino será desempenhado pelo conhecido artista Armand Bernard.

Sa Meilleure Cliente, é o título do próximo filme de Pièrre Colombier. Louis Verneuil é o autor do argumento e Elvire Popesco a protagonista.

Jean Boyer está produzindo nos estúdio Paramount de Joinville o filme *La Pouponnière*. Françoise Rosay e Meg Lemonnier são as intérpretes principais.

No próximo dia 27 de Outubro, realiza-se em Paris a Exposição Internacional do Cinema.

Todos os informes são graciosamente fornecidos pela comissão organizadora, 3, Place de la Madeleine, Paris (8.º).

A Pathé Natan, segundo consta, contratou o realizador Maurice Tourneur para filmar *As duas orfãs*, original de Adolphe d'Ennery.

Os estúdios G. F. F. A. começaram com a realização de filmes de desenhos animados.

Henry Wulschleger filma presentemente nos estúdios Gaumont a película *Campeão do Regimento*.

Inkichinof, conhecido intérprete de *A Tempestade na Asia*, vai desempenhar um papel importante em *La Tête d'un Homme*.

Por êstes dias, será exibido me Paris, no Elysée-Gaumont, o filme que Adolf Trotz produziu baseado na vida do célebre monge russo Rasputine.

Danièle Parola, conhecida artista do cinema francês que actualmente está trabalhando em «Stupéfiants» para a «Ufa» e que na próxima 5.ª feira chega a Portugal com outros colegas.

Alemanha O realizador Jõe

May vai produzir para a Ciné-Allians os filmes *Nord-Express*, com Brigitte Helm e *Manolescule Roi des Valeurs*, com Rudolf Forster.

Segundo consta, G. W. Pabst, vai dirigir em Roma um filme para a Cinés-Pittaluga cujo original é de Pirandello.



Jenny Jugo é a protagonista da versão alemã do filme *Os Boémios* que Hanns Schwartz dirigirá.

Eddy Polo, desempenha um pequeno papel no filme *Taut va bien* que actualmente se exhibe no Ufa-Pavillon. Os restantes papéis são interpretados por Ernst Verebes, Claire Rommer, Luciano Albertini e Carl Anen.

A conhecida artista francesa Francine Mussey, trabalha actualmente no filme *La Foule Hurl*.

Lil Dagover será a protagonista de *Le Cahier d'une jolie femme*.

O argumento do próximo filme dirigido por Carl Froelich, será baseado na vida de Gaby Deslys. Gitta Alpar é a intérprete.

No próximo mês de Julho, Emil Jannings, partirá para a Inglaterra, a fim de trabalhar em diversos teatros daquele país.

Segundo noticia um conhecido diário de cinematografia, Fritz Lang, partirá para os Estados Unidos.

Rússia O realizador Tourine está filmando *Trabalho*, decorrendo as principais cenas na grande central eléctrica de Leninegrado.

Jooris Ivens, o animador de *A Sinfonia da Indústria*, está filmando *Konsomol*.

Protopapof, um dos grandes entusiastas do cinema russo, faleceu recentemente.

América do Norte Durante a próxima temporada cinematográfica, a «Paramount», produzirá 65 filmes; «R. K. O.», 62; Metro, 52 e «Fox», 48. Na totalidade, contando com a produção de outras casas, serão feitos 550 filmes.

Maria Alba será a companheira de Douglas Fairbanks no filme *Robinson Crusoe*.

Billersüss, é o título do primeiro filme que Lilian Harvey interpretará na América sob a direcção de Ernst Lubitsch.

A madrinha receberá semanalmente 3.500 dollares.

Blond Venus, *Deep Night* e *Promised*, são os títulos dos próximos filmes que Marlène Dietrich interpretará.

Baseado no conflito sino-japonês, a *Columbia* vai produzir um filme que será interpretado por Jack Holt e Ralph Graves.

War Correspondent, é o seu título.

Estreiou-se, com sucesso, no cinema «Capitol» de New York, o último filme de Greta Garbo intitulado *Ass You Desire Me*.

John Gilbert, está dirigindo para a M. G. M. o filme *Downstairs*. O argumento é da sua autoria.

O conhecido realizador W. S. Van Dyke, vai produzir para a M. G. M. o filme *Esquimó*, cuja acção decorre no Oceano Glacial Artico.

A «Metro» terminou recentemente *The Wel Parade*, filme baseado na obra de Upton Sinclair, desempenhado por Lewis Stone, Walter Huston e Dorothy Jordan.

S. M. Eisenstein, encontra-se presentemente em Hollywood, procedendo à montagem da película que filmou no México.

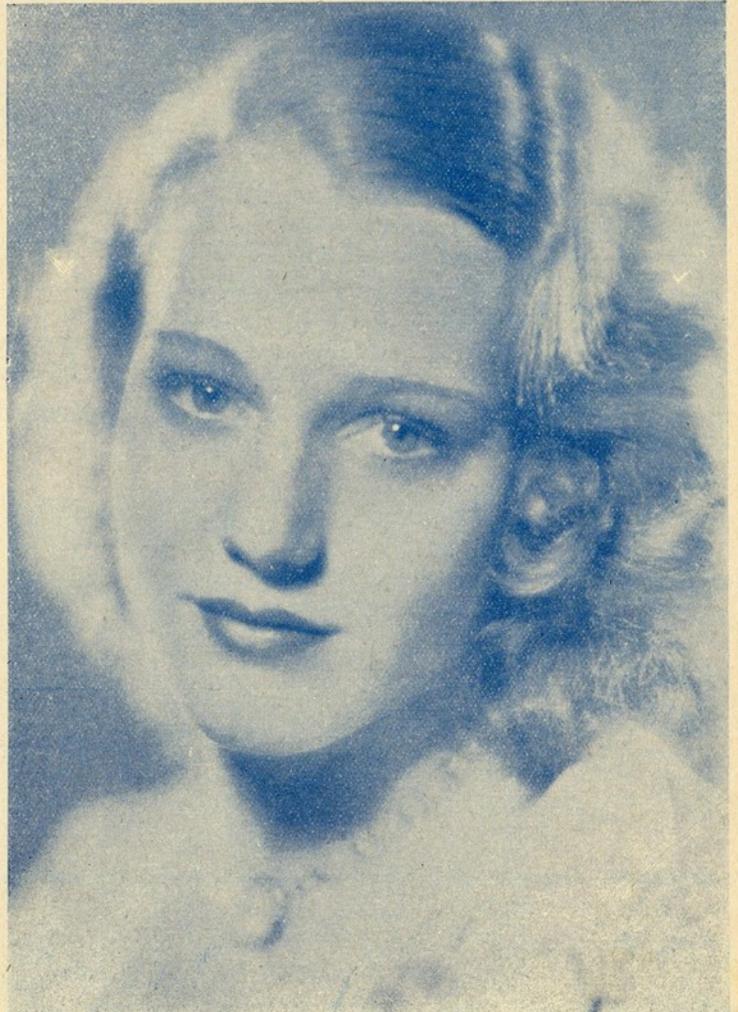
De 700 realizadores que se encontram registados nos *Casting Offices* de Hollywood, somente 100 conseguiram trabalhar na última temporada cinematográfica.

Howard Hughes pensa realizar mais um filme de aviação.

A «M. G. M.» fez um contrato com a «B. I. P.», de Londres, para esta casa produzir 10 filmes nos seus estúdios de Elstree que serão apresentados nos Estados Unidos.

Em virtude do enorme atrazo com que o presente número é pôsto à venda, «Invicta Cine», não se publica no próximo sábado.

Chamamos a atenção dos leitores para as datas a que dá direito ao «bónus» que neste número inserimos.



Crítica aos filmes da quinzena

Dois num automóvel Este filme foi para mim uma enorme decepção. O nome de Jõe May e o sucesso que coroára o filme não só lá fóra mas também em Lisboa, não me fazia esperar uma obra tão vulgar e tão desequilibrada. Eu não exijo, para filmes dêste género, argumentos muito complicados nem cheios de boa essência... mas se admito histórias singelas, quando bem desenvolvidas e tratadas com bom gosto, não as suporto quando, por tudo, descem abaixo da mais comum vulgaridade. Nesta, as situações cómicas são forçadas e burlescas como em qualquer farsa de Laurel e Hardy; a condução do cenário é cheia de desharmonia; a realização é falha de originalidade e de beleza. Salvam-se, aqui e além, algumas seqüências em exteriores, verdadeiramente bonitas, mas isoladas, perdidas e... copiadas de outros filmes. Para cúmulo a gravação de sons é muito má, danificando muitos diálogos que saem pouco inteligíveis.

Nem a interpretação valoriza o filme. Um grande erro foi deixarem Annabella copiar descaradamente as maneiras e atitudes de Lilian Harvey — cópia muito infeliz em que Annabella se sente bem pouco à vontade. Duvalés, será o que quiserem, em *Dois num automóvel* foi um simples palhaço. Jean Murat foi o único que desenhou bem o seu papel, interpretando-o com acêrto e sobriedade.

Dois num automóvel não passa dum vulgar filme comercial, que fará rir certo público, mas que está longe de me satisfazer, mesmo olhando-o sem muita severidade.

A culpa é do Bibi Uma comédia musicada sem grandes pretensões, mas cheia de graça. O argumento não tem nada de extraordinário, é uma simples mas feliz

multiplicação de situações complicadas que nos mantêm bem dispostos durante duas horas... por culpa do Bibi... O filme está bem conduzido (todavia, no cabaret, o encurtamento das cenas sem relação directa com a acção teria beneficiado o equilíbrio do conjunto, aliás muito seguro), tem música agradável e tem sobretudo uma interpretação excelente de René Lefévre, que é hoje um dos bons elementos do cinema francês. Florelle (num papel abaixo do seu talento), Marie Glory e Jean Dax formam um homogéneo e agradável trio à volta de René Lefévre.

Jean Boyer e Max Neufeld realizaram um filmezinho ligeiro mas muito simpático.

O Tenente do Amor Uma história ingénua, piegas e dum convencionalismo que já não se atura com muita paciência. Realização vulgar. Gustav Froelich, um dos

maiores valores da cinematografia alemã, interpreta um papel indigno das suas grandes qualidades de comediante. Dolly Haas é uma garota interessante, de olhos expressivos, cheia de «it». Tibor von Halmay e Livio Pavanelli animam com situações cómicas bem desempenhadas a monotonia dum filme

sem interesse... mas que é capaz de agradar a uma parte do público, que ainda gosta destas histórias...

Tabu Aparte alguns quadros nitidamente artificiosos (cênas de luar) e de algumas debilidades do cenário, *Tabu*, se bem que não correspondesse perfeitamente à minha expectativa (e eu esperava muito por ter esperado muito tempo) conquistou pela minha parte um franco agrado. Eu já estou tão farto de vêr histórias passadas em alcovas e em «dancings», que não poderia ser sem prazer que eu receberia essa vaga de ar fresco, de vida sã, de amor puro, que *Tabu* lança sôbre nós. O mar, a vegetação riquíssima das ilhas de Bora-Bora, o homem na sua vida simples (longe da corrupção dos brancos, desconhecendo o vício e a maldade), filmados em quadros de grande beleza, que a mestria de Murnau tão hábilmente soube compor, enquadram uma linda cheia de encanto e de poesia. *Tabu*, onde se toca de leve nos efeitos malévolos da «civilização», com todo o seu cortejo de hipocrisia e de depravação, não me faz esquecer *Sombras Brancas*. Mas tem tanta beleza, tanta poesia, está composto com uma harmonia tão suave, está ritmado com tanta precisão (saliento as cênas das dansas), que as fraquezas que encerra deixo-as esquecer, para vêr sômente êsse mar sem fim coalhado de canoas, êsses homens bronzeados e fortes pescando, essas raparigas banhando-se num rio, êsses festejos rituais, e êsse par amando-se com um afecto profundo, puro e são.

Vêr *Tabu* faz bem, areja o cérebro, cheio de imagens vulgares e convencionais que outros filmes lá deixaram impressionadas. Diante de *Tabu* respira-se a plenos pulmões vida e saúde... o que hoje, no cinema, tão poucas vezes se pôde fazer...

A L V E S C O S T A .

A Argentina vai fazer filmes falados em português

Vai ser fundada em Buenos Aires uma companhia cinematográfica cujo título será «Hollywood dos Países Latinos» e que se propõe a produzir «talkies» não só em espanhol, mas também em francês, italiano e português.

Os seus estúdios, que serão vastos, vão ser construídos nas proximidades da capital da Argentina dentro de pouco tempo e o Govêrno daquele país protegerá a nova emprêsa.

Afim de tratar da aquisição do material indispensável, encontra-se presentemente em Hollywood o sr. Charles Sasson, Director Geral da citada emprêsa, que dentro de alguns dias voltará ao seu país com técnicos indispensáveis à iniciação dos trabalhos.

FOTOGRAFIA GUEDES

O mais completo Atelier Fotográfico
NEVES GUIMARÃES
346, Rua de Santa Catarina, 350 — Telef. 2860

Os Cavaleiros da Montanha

Super filme com Marie Glory
e Louis Trenker, que se exhibe
actualmente no Olympia.

Programa

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L^{DA}



*Louis Trenker,
o principal intér-
prete masculino
do esplêndido
filme «Os Cava-
leiros da Mon-
tanha», todo fa-
lado e cantado
em francês.*

Charlier, Ralph Sorel, e Jean Coste, amigos inseparáveis, tão inseparáveis que lhes chamam «Os Três Mosqueteiros», são considerados os melhores «skieurs» da Suíssa.

Um belo dia travam conhecimento com uma linda americana, Mary, apaixonada por todos os desportos de inverno, que se sente orgulhosa pelas atenções que os três desportistas lhe prodigam. Quem não se conforma com semelhante estado de coisas é o engenheiro Milhacs, que a persegue com os seus galanteios, e que tem os mais evidentes ciúmes dos três rapazes, principalmente do Charlier, que Mary parece distinguir entre todos.

Por outro lado, Cristina, prima de Charlier, ama-o em silêncio. . .

Dias antes do campeonato mundial de «ski» que deve realizar-se em Zermatt, Charlier, favorito do grupo suíço, é solicitado inesperadamente para servir de guia ao engenheiro Milhacs num perigosa ascensão. Embora contrariado, Charlier é obrigado a aceitar. Partem os dois. Uma violenta tempestade assalta a montanha. Em Zermatt todos receiam

pela vida dos dois alpinistas. Charlier volta só. Quando lhe perguntam pelo companheiro afirma que Milhacs o despediu bruscamente a meio da ascensão. . . Esta resposta não satisfaz as autoridades. E quando é encontrado o carnet de Milhacs com um apontamento comprometedor para Charlier, vêem-se obrigados a prendê-lo, a-pesar dos seus protestos.

O dia do campeonato está iminente. Privada dos seus melhores representantes (porque Sorel e Coste se recusam a concorrerem sem o companheiro), a Suíssa conta com uma derrota.

Mas Charlier consegue obter do seu carcereiro uma noite de liberdade, a fim de provar a sua inocência. Encontra Milhacs, que pretendia ser dado por morto para que sua mulher recebesse um avultado seguro de vida e ao mesmo tempo comprometer o seu rival, escondido numa cabana abandonada. Depois de arrojadíssimas proezas, consegue entregá-lo à polícia e tomar parte no campeonato e triunfar, encontrando junto de Cristina o justo prémio da sua coragem. E Mary é a primeira a reconhecer que não há o direito de perturbar aquela felicidade.



Uma das mais
empolgantes cê-
nas do super
filme «Os Cava-
leiros da Mon-
tanha».

O que nos disse Dorothy Jordan

Dorothy Jordan, a encantadora intérprete do fonofilm «No Alegre Madrid», nasceu na cidade de Clarksville, onde iniciou a sua carreira artística trabalhando no palco, ingressando mais tarde no cinema por uma mera casualidade.

Eis o que a linda Dorothy nos conta :

— Para mim, as fitas, vieram ocasionalmente sem que as procurasse, porque, confesso, tive sempre mais interesse pelo teatro.

Dir-vos-hei, no entanto, que me sinto orgulhosa pela carreira que abracei e que já mais abandonarei. Durante muito tempo trabalhei como simples corista em diversos palcos de New York até que um dia, talvez, por um simples acaso, posei deante duma «camera» da *Fox Film*.

Não liguei grande importância ao caso porém, passados tempos segui para Hollywood onde apareci nos filmes «Words and Music» e «Blach Magic», para aquela casa produtora. Um dia, soube que procuravam uma rapariga para interpretar o papel de irmã de Mary Pickford no filme «Fera Amansada».

Fui aos estúdios da *United Artists* tendo sido desde logo convidada para aceitar o referido papel. Como sabia que não trabalharia na *Fox* durante muito tempo, não tive dúvidas em assinar o contrato que me foi apresentado.

Terminado êsse filme, fui incluída no elenco da M. G. M. onde comecei por interpretar o primeiro papel feminino do filme «No Alegre Madrid» ao lado do conhecido artista Ramon Novarro.

Estava a meio da produção quando me foi comunicado que tinha falecido o meu querido pai.

Regressei imediatamente à minha terra natal, interrompendo a filmagem durante quinze dias.

Quando voltei Hollywood, na companhia de minha mãe concluí o meu trabalho. Tendo agradado, foi-me oferecido um contrato a longo prazo.

Continuei e continuarei pois a trabalhar no cinema.



Dorothy Jordan

A nossa festa no Aguia d'Ouro

Como tínhamos anunciado, realizou-se na passada terça-feira a sessão cinematográfica a favor da Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal, espectáculo que *Invicta Cine* levou a efeito com a colaboração de dedicados amigos que obsequiosamente se colocaram ao nosso inteiro dispôr.

Foi exibido o encantador fonofilm *O Caminho do Paraíso* que, embora já conhecido do nosso público, foi mais uma vez muito apreciado pela distinta assistência que quasi enchia aquele elegante cinema.

Aos gerentes do Aguia d'Ouro e Agência Cinematográfica H. da Costa, Limitada, apresentamos os nossos profundos protestos de gratidão.

A todos aqueles que ouviram o nosso apêlo, muito e muito obrigados.

Uma notícia sensacional

Segundo noticiam alguns jornais, devem chegar a Lisboa na próxima 5.ª feira, a bordo do «General Osório», alguns artistas da Ufa que vêm filmar *Stupéfients*.

Eis o que diz o nosso colega «Diário de Lisboa»:

Devem desembarcar em Lisboa cêrca de 35 assalariados da U. F. A., dos quais destacaremos os mais importantes: Duday, chefe de produção, o realizador Curt Guerron, o operador Hoffmann; o chefe do texto alemão e assistente do realizador, Holder; o chefe do texto francês, Lebon e Schwartz e Leonard, respectivamente, «régisseurs» alemão e francês. Receberemos também a visita de alguns actores e atrizes célebres, como Jean Murat, o principal intérprete do filme; mademoiselle Rolland, a segunda personagem feminina; Callamant, no papel de detective. Na versão alemã, que se será feita ao mesmo tempo que a versão francesa, figurarão respectivamente: Hans Albers, Trude Von Molo, Peters Lorre e Asetan. E' interessante notar que Peters Lorre é o mesmo actor que desempenhou o papel sensacional de assassino de crianças no extraordinário filme «Matou!», de Fritz Lang.

Os enviados da U. F. A., que trazem tóda a espécie de material indispensável à filmagem: camião sonoro, camião de luz, camaras, etc., tencionam demorar-se em Lisboa o tempo suficiente para a filmagem.



Um super filme de aventuras misteriosas da

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L^{da}

Meus caros amigos: A presente época cinematográfica está a acabar. Dará o último suspiro com a chegada da primeira vaga de calor, que nos arrancará dos cinemas, para nos chamar para a beira mar, onde passaremos noites calmas, os mais espertos de nós longe da balbúrdia da Avenida Brasil, gozando uma fresca e um socêgo absolutos, os mais tolos calcurriando o «picadeiro» da Foz num snob exibicionismo intencional. (Se me lá virem, não digam nada...).

A próxima época, que começará lá para Outubro, vai ser formidável, no Pôrto! Formidável! Os nossos exibidores porão à prova a sua habilidade e a sua força; farão lutas titânicas para levar nos seus cinemas os melhores filmes. Não duvidem, a próxima época vai ser formidável! Mas é preciso que vocês ajudem. Porque os nossos cinemas, sem o vosso apoio, pôdem batalhar por um tempo mas depois serão forçados a cair. É isso não pôde ser. Vocês, que este ano andaram um pouco fugidos das salas cinematográficas, têm, para vosso próprio bem, de ajudar e incitar com a vossa presença a luta homérica que os nossos exibidores vão travar daqui por alguns meses. Não se esqueçam disto. Porque se eles vêem que vocês não correspondem aos seus esforços, se constatarem que estão a «gastar cêra com fracos defuntos»... então não se ralarão muito e... o mal será de nós todos...

Guidita—Recebi a sua carta, obrigadinho. Desculpe não ter feito a vontade, mas foi-me impossível. Quando houver alguma ocasião favorável não se esqueça da gente... E aquelas histórias com o outro, como vão? Tenho interêsse em saber tudo isso e, se possível fôr, com pormenores. Adeuzinho, até a próxima!

Ego sum qui sum—Hoje já posso dar-lhe algumas informações fresquinhas sobre o Tom Mix. Este actor acaba de se casar com uma acobrata de circo chamada Mabel Ward e está presentemente na Universal City, California, (U. S. A.) interpretando o seu quarto filme sonoro.

Doida pelo Muratzinho—Se está assim pela beicinha espere, mais algum tempo pois que é muito possível que o Jean Murat venha a Portugal muito em breve, pois consta que é no nosso país que será filmada uma parte dos exteriores do filme da Ufa *Stupefiants*.

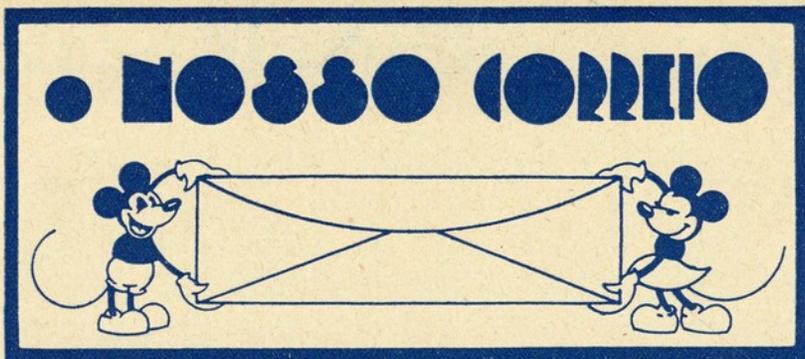
Um triste—Não vale a pena. O que eu há tempos dizia parece que se confirma. A Greta Garbo o que quer são notas... o mais é tudo palavrado. Agora parece que as coisas se arranjam se a M. G. M. oferecer à vedeta sueca um ordenado semanal de 15.000 dollars! (Quinze mil!!...). Num país que têm cêra de dez milhões de desempregados, uma Greta Garbo ganha quinze mil dollars por semana!!... Chega a ser um insulto à miséria dos outros. Faça as contas e diga-me se não é assim. O dollar está actualmente a trinta escudos... Veja lá para onde isso vai!...

Irresistível—Ora viva! Então por onde têm andado? Com que então eternamente irresistível! É você e o Henry Garat... Pois eu já julgava que você tivesse desertado da «minha família», sabe? Mas afinal vocês são uns belíssimos rapazes, nunca se esquecem de mim. A sua opinião sobre *Luzes da Cidade* nada têm de condenável por que há muita gente que pensa assim e porque... côres e opiniões não se discutem. A entrada da Tobis na S. F. S. P. (hoje Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm—quem padecer dos pulmões e tiver de dizer isto tudo muitas vezes ao dia, vai para o outro mundo num abrir e fechar de olhos...), a entrada da Tobis, dizia eu, foi o que se chama cair ouro sobre azul, pôde crêr. Sim senhor, era Ramon Navarro quem cantava em *Sevilha dos Meus Amores*. Todavia, confesso que não estive ao lado dêle quando fizeram a fita...

Carlitos—É realmente bastante irritante essa história das senhas de saída distribuídas às portas da sala do Trindade; das portas não, das meias portas é que é... Olhe, não aceite senhas ou reponte sempre. Se o público do Pôrto não fôsse, em certas coisas, tão... feito de manteiga, já há muito que essa fiscalização indelicada teria acabado, como acabou em todos os cinemas decentes do país.

Paulo—As suas duas cartas chegaram-me ao mesmo tempo. Obrigado pelo programa que me mandou.

1.º) R. K. O.—Pathe Studios, 780 Gower St., Hollywood, California, U. S. A.; 2.º) Katryne Crawford: Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, California, U. S. A.; 3.º) A casa produtora de *Viva a Liberdade* foi a «Sociedade de Filmes Sonoros Tobis» (secção francesa da casa alemã). A's outras perguntas não lhe posso responder actualmente. Disponha sempre, não me incomoda.



Alberto—Sim senhor, com todo o gosto. Escreva-lhe para Universal Studios, Informal City, California, U. S. A. Só isso? Obrigado pelo abraço, que retribuo.

Frita Laranjas—Ande lá que você andou com sorte. Informa-me da Administração que lhe posso participar que lhe vendemos todos os exemplares pedidos pelo preço especial de quinze

escudos. Se você os quiser, escreva para a Administração e repita os números dos exemplares que deseja. Então você não conseguiu arrancar nada dêse «cáco» para dizer qualquer coisa sobre os últimos filmes que viu!... Eu devia ficar de mal consigo, mas... não vale a pena...

A. M. C.—Pois claro que sim!...

Cinéfilo Debutante—A resposta à sua carta saiu no número anterior. Mas que pressa homenzinho de Deus!...

Uma admiradora de Roger Treville—O objecto da sua admiração, minha querida amiga, espera a sua enflamada declaração de amor (acompanhada de três ou cinco francos...), no Boulevard de Grenelle, 129-Paris, França. Felicidades!

Velho Cinéfilo—Realmente há já séculos que não vemos Werner Fuetterer. Se ele ainda não mudou de casa, mora em Kleiststrasse, 27-Berlin-Steglitz, Alemanha. Sempre ao seu dispôr.

Mário Gomes—A «sua» Clara Bow está presentemente na «Fox», para a qual vai fazer um filme intitulado *Call me Savage*. Creio que é pouco provável que o notável filme alemão *Mulheres de Uniforme* seja apresentado entre nós. Portugal ainda não é um país «afinado» para ver bom cinema nem o público em geral se interessa por histórias sérias... infelizmente!

Apaixonado pela Bibok... sem a conhecer—Mas, meu caro amigo, que tenho eu com isso?? Isto aqui não é uma agência de casamentos, é uma secção de consultas cinematográficas. E' como lhe digo. Tenho muita pena, mas não lhe posso ser agradável. Investigue...

Uma loirita que queria conhecer o Amok—E não queria mais nada?... Mas não fique desconsolada, se me quiser conhecer, só tem um caminho a seguir: é procurar-me. Nada mais fácil. —Não sei se o filme *Il est charmant* será exibido em Portugal. E' muito provável que sim, mas só na próxima época. Beijalhe as mãos o

A M O K

CASAMENTOS E DIVORCIOS

Para os interessados em frivolidades cinematográficas fazemos saber que: Hoot Gibson e Sally Eillers, Ann Harding e Hany Baunister, Claudette Colbert e Norman Foster, Helene Costello e Lowell Sherman, divorciaram-se... E que: Gary Cooper está noivo da condessa de Frassa, Lily Damita vai-se casar com o banqueiro Sidney Smith e Greta Niesen acaba de se consorciar com um dos protagonistas do seu último filme. Que a Madrinha se vai casar em Novembro com Willy Fritsch já vocês o sabem... Mas diz-se ainda: que Clark Gable vai divorciar-se, que Jack Pickford se separou da mulher, e que Tom Mix e Leslie Fenton acabam de se casar, não um com o outro, bem entendido, mas cada qual com a sua respectiva «sweetheart...»

Técnica cinematográfica

O Regulador do Som

Sòmente o homem de ciências versado em física pôde encarar com desdem o trabalho no estúdio. Contudo, é ali que se têm descoberto muitas peculiaridades relativas ao som e à sua propagação. Apesar de tais descobertas terem relativamente escasso valor científico, são muito interessantes sob o ponto de vista do público cinematográfico e abrem, ao mesmo tempo, um campo de informação prática acerca dos misteriosos efeitos do som e da audição.

O encarregado de regular o som desempenha uma das mais difíceis e responsáveis funções dos estúdios cinematográficos.

Auxiliado por um instrumento chamado milímetro, o encarregado deve medir e imprimir o diapasão adequado de cada voz, à medida que passa através do aparelho registador do som. Uma das fases mais complicadas do trabalho do regulador é manter a «perspectiva» no som que corresponda a impressão da distância a que se encontram os artistas com relação ao público e à «camera». A situação do microfone não basta por si só para manter o nível correto da voz.

Quando é necessário imprimir certos sons mais fortes, o encarregado do som têm que vigiar particularmente o volume do som para que não estalem as delicadas válvulas de luz do aparelho de registar as vozes. O milímetro dividido em sessenta segmentos, serve-lhe de guia nêstes casos. Quando a agulha do mostrador se apróxima dos sessenta, o encarregado do som sabe que está perto do «ponto de saturação» do aparelho registador, que é necessário diminuir o volume do som ou cortar a cena para impedir que se quebre o equipamento.

O ruído mais perigoso que pôde ocorrer no cenário é uma tosse ou espirro a pouca distância do microfone. Sucede que esta espécie de ruídos explosivos quebra invariavelmente a válvula da luz, originando demoras e gastos.

O estrondo do travão é muito baixo na escala vibratória do som e, por razões incompreensíveis talvez para os leigos, não afecta as sensíveis válvulas de luz do aparelho registador. O único problema é colocar o microfone a uma distância correcta da «máquina de fazer estrondos», de modo que os ruídos da tempestade não se pareçam a uma descarga de canhão. A impressão do murmúrio da conversação requer precauções preliminares especiais.

As válvulas de luz devem ser inspecionadas cuidadosamente para se ter a certeza de que funcionam eficientemente. O som das vozes em tom muito baixo estraga qualquer equipamento que não esteja funcionando perfeitamente, e, a miudo, causa sérios prejuízos que exigem a repetição da cena.

Por outro lado, se o murmúrio dos artistas não é ampliado pròpriamente na esfera reguladora do aparelho de misturar os sons, resultará numa longa série de assobios que fazem o pessoal técnico e o director arrancar os cabelos de desespero.

Muitos sons enganam os ouvidos. Por exemplo, descobriu-se que a maior parte dos ruídos de aeroplanos que se escutam em terra, não vem realmente dos motores, mas sim da hélice em movimento. Foi descoberto também que as campainhas e os gongos não dão o mesmo som de todos os lados; cada um têm um logar particular de «registo» que emite o som unido e natural. Quando se toca uma campainha sem querer, a vibração se traduzirá num som tão estridente que é necessário registar de novo tôda a cena.

A nota mais alta que é possível registar, segundo Douglas Shearer, técnico encarregado do som nos estúdios da *Metro*, não vem de nenhuma repercussão sonora, mas de vibrações eléctricas silenciosas que agitam a válvula de luz no aparelho registador. Esta vibração é utilizada para registar sons como os de uma sereia ou apito, mas pôde causar dificuldades se uma oscilação qualquer acontecer no aparelho.

Gargalhadas e soluços marcam diapasão muito baixo na escala de sons empregados pelos técnicos dos estúdios, fazendo flutuar a agulha da esfera do milímetro entre cinco e dez gráus. A maior parte das vezes normais assinala marcas mais altas na esfera. Dizem que a voz de Buster Keaton é a que regista freqüência mais baixa entre os principais artistas. O mais exigente trabalho para o regulador do som é regular exactamente as rápidas mudanças do volume do som, tais como murmúrios alternados com soluços ou risadas repentinas misturadas com gritos agudos.

O R I T A L A G E .

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE
pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée dos dias 25 de Junho e 2 de Julho de 1932.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 23, 25 e 30 de Junho e 2 de Julho-1932.

ODEON

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão nos dias 25 de Junho e 2 de Julho de 1932.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

O Quia d'Ouro

Apresenta esta semana o famoso

actor RAMON NOVARRO

no fonofilme da M. G. M.

NO ALEGRE MADRID

Uma super-produção de ambiente
enternecedor realizada por Robert
Z. Leonard. Um filme de absoluto
agrado em que Ramon Novarro
mais uma vez confirma as suas
raras qualidades de cantor

Depois do enorme sucesso obtido nos cinemas

S ã o L u i z e C o n d e s

— de Lisboa —

A g u i a d ' O u r o e T r i n d a d e

— do Pôrto —

O super-fonofilme de Charlie Chaplin (Charlot)

LUZES DA CIDADE

Continua a sua carreira triunfal

no CINEMA BATALHA

Um filme distribuído por

Castelo Lopes, Limitada